

Cemoroc: notas sobre um empreendimento educacional

Chie Hirose¹

Resumo: Por ocasião da celebração do 15º aniversário e da publicação do número 200 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, este artigo apresenta um “memorial”, discutindo alguns aspectos humanos dessa história editorial.

Palavras Chave: Antropologia. Cemoroc. revistas universitárias. atividade editorial.

Abstract: On the occasion of the celebration of the 15th anniversary and the publishing of the volume #200 of the academic journals of Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente (Edf-Feusp), at www.hottopos.com, this article presents some human aspects of this editorial history.

Keywords: Anthropology. Cemoroc. university journals. editorial activity.

Introdução

A leitura do artigo de Jean Lauand que abre este número, suscitou em mim o desejo de apresentar algumas reflexões a propósito desses auspiciosos números redondos, que neste volume celebramos.

Acompanho as edições do Cemoroc desde sua fundação, como leitora, e também em, diversas outras ocasiões, como autora. Durante os anos de meu mestrado e cursos de doutorado na Universidade de Hiroshima (de 1993 a 1999), quando voltava ao Brasil, levava de volta na mala exemplares impressos dessas revistas, que eram disputados pelos colegas.

Escrevo do meu ponto de vista: antropológico-cultural. Meu viés acadêmico leva-me a procurar o “oculto” por detrás do que se manifesta, do fenômeno. Neste caso, o fenomenal fenômeno é a notável qualidade dos 200 volumes de revistas publicados nestes 15 anos. E o “oculto” não está tão oculto; está visível, mas devemos dirigir nossa atenção a ele.

Começamos por um ponto intrigante: desde seus princípios – e cada vez mais – essas publicações têm tido cunho internacional: parcerias com muitas importantes universidades europeias, publicações em uma dúzia de línguas (entre elas o japonês, língua na qual escrevo com familiaridade), prêmios internacionais etc.

No referido artigo de Lauand, está a pergunta: “Como chegamos tão rapidamente a esse elevado estágio? Em se tratando de estabelecer intercâmbio com universidades europeias, a primeira pergunta é: o que a universidade brasileira teria a oferecer a essas instituições?”.

Nesse sentido, devemos ter em conta que se hoje a imagem do Brasil no exterior começa a configurar-se como a de um país emergente, em 1997, quando se fundou esse projeto editorial, nossa imagem não era propriamente a de um país com liderança acadêmica. Lauand narra que o “boom” de mídia em torno do site da editora começou precisamente com uma seção de humor, na qual – *hélas!* – o carro chefe eram as piadas que os europeus faziam sobre brasileiros. Também nesse campo, o brasileiro era associado somente a futebol e a desregramentos sexuais.

Um par de exemplos extraídos do próprio site da época:

¹ Mestre em antropologia pela Univ. de Hiroshima. Doutora e pós-doutoranda pela Feusp. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. hirosec@hotmail.com

HEMBRATUR –

A imagem do brasileiro nas piadas
estrangeiras - uma pesquisa nos sites da rede

O Brasil, que tem tantas piadas para minorias e estrangeiros, mal suspeita que, também ele, goza de péssima fama e é objeto de pesadas gozações no exterior: as piadas de brasileiro!

É uma constante: na Europa e nos Estados Unidos, cada vez mais, o brasileiro vai aparecendo em piadas, sistematicamente como o tipo do dissoluto e promíscuo sexual: do devasso ao travesti, passando naturalmente pelas prostitutas etc.

Apresentamos aqui uma amostra dessa triste fama: como aparece o brasileiro nos sites de humor da rede.

Na Europa, a mais difundida piada sobre o Brasil é aquela (conhecidíssima entre nós) do sujeito que chega pro outro e diz:

- Ô rapaz, estive em Tal Localidade..., Êta cidadezinha...: só tem jogador de futebol e puta!
- Mas minha mãe é de lá!!!
- Ela tá batendo um bolão...!

A piada tem sucesso porque incide sobre a paixão nacional do eufemismo, mas nós, quando a contamos, não sabemos direito a que cidade ou país nomear (qual cidade do Brasil caberia!?). Já para o ponto de vista do preconceito europeu, a piada cai como uma luva: é Brasil na cabeça... A versão mais comum no exterior é esta que vem de um site da Catalunha:

Le dice el director al empleado:

- ¿Qué tal tus vacaciones en Brasil?
- Muy bien, señor Rupérez. Mucho sol, bonito paisaje, pero un país curioso. Allí sólo hay putas y futbolistas.
- No diga esto, Rosendo, que mi mujer es brasileña...
- ¿Ah sí? ¿En qué equipo juega?

<http://www.putput.es/mainat/s/acudits.html>

Já os alemães preferem limitar o Brasil ao Rio:

Bert war in Brasilien in Urlaub. Nach seiner Rückkehr fragte ihn sein Chef:

"Na, Bert, wie war es denn in Rio ?"

"Ach, in Brasilien gibt's nur Fußballspieler und Nutten !"

Der Chef: "Wußten Sie eigentlich, daß meine Frau Brasilianerin ist ?"

"Oh, bei welchem Verein spielte sie denn ?"

<http://www.uni-jena.de/~orb/Rook/Texte/sonstiges.html>

[Etc.]

(<http://www.hottopos.com/piadas/brasil.htm>)

Um aspecto interessante na superação desses preconceitos e dificuldades é que se trata de um Centro da USP e de uma iniciativa brasileira de São Paulo. Dois de nossos ilustres colaboradores, Julián Marías e Pere Villalba, nos dão indicações importantes precisamente sobre São Paulo.

Para começar, quero lembrar o sugestivo artigo de Marías, escrito em 1954, a propósito do IV Centenário de São Paulo. Ele começa com uma aguda observação de linguagem, sobre a própria palavra “paulista”:

Paulistas

"Um partido político? Uma ordem religiosa? Uma escola artística? Não, um estranho gentílico: "paulistas" são os habitantes do estado brasileiro de São Paulo - e para designar os cidadãos de sua capital alguns preferem dizer "paulistano", reduplicando a filiação. Não são paulenses, nem paulinhos, nem paulenses, nem paulanos; são paulistas, formando mais um "ismo". [Além de muito raro, o gentílico em "ismo"] é estranhíssimo também do ponto de vista sociológico. Pois, o sufixo "ismo" não designa sociedades, mas associações. O "ista" é um filiado, um militante ou um partidário: alguém que voluntariamente decide aderir a uma ideologia, estilo, doutrina, partido, que ingressa num grupo, que depende da vontade de seus membros, pré-existente nele.

Marías prossegue dizendo que o madrilenho, o londrino, o parisiense etc. estão na situação de fato de terem nascido em suas respectivas sociedades, de viverem lá... mas os paulistas não, eles são *paulistas* por opção, "partidários, militantes, talvez até 'fanáticos' por São Paulo".

Não é o mero fato de terem nascido em São Paulo - aliás muitos nasceram em lugares distantes - não é que se “acostumaram” a viver nessa cidade onde os costumes dificilmente podem se consolidar: mas é que São Paulo é sua opção, sua facção, sua bandeira, ou mesmo seu mito. A forma de relação do paulistano ou paulista com sua cidade ou estado não é a de inserção ou a de pertencer; é a de adesão".

[Cf. acervo ABC, 02/09/1954: <http://hemeroteca.abc.es/nav/Navigate.exe/hemeroteca/madrid/abc/1954/09/02/011.html>]

Marías conclui, após registrar o assombroso dinamismo de São Paulo, apontando para seu descomunal crescimento populacional (na época e hoje): numa cidade que em cento e poucos anos passou de 70 mil habitantes a 17 milhões (metropolitana), compreende-se que não haja “"paulenses" (quem seriam esses paulenses?), mas só "paulistas"”.

E é que São Paulo une o melhor do Brasil em geral – a os valores da convivência, da solidariedade, da generosidade, da criatividade, da hospitalidade – a um dinamismo e ritmo de trabalho, comparável às mais laboriosas cidades do mundo.

A impressionante história do Prof. Nasr – narrada no artigo de Aida Hanania e Jean Lauand neste volume – é emblemática também ao evidenciar o calor humano do brasileiro. Em entrevista a JL, ele declara:

Há uma semelhança entre o povo brasileiro e os árabes: os dois são espirituais e sabem valorizar a amizade, a cordialidade, a harmonia das relações humanas; sabem ajudar, sacrificar-se, ser generosos. Eu vivi muitos anos na Europa e sempre me senti estrangeiro; já no Brasil, desde o primeiro dia, senti-me em casa. O brasileiro é muito acolhedor e não está imerso no materialismo como alguns europeus. Aqui, o árabe está tão à vontade que acaba se esquecendo de voltar; um árabe chega

para ficar, digamos dois ou três anos, e não quer voltar, acaba ficando trinta ou quarenta anos, a vida toda...
(<http://www.hottopos.com/collat6/nasr.htm>)

Certamente, não se trata só dos árabes; se o estrangeiro “acaba se esquecendo de voltar”, quando estamos fora do Brasil, há uma grande vontade de regressar: por mais que o Japão seja minhas raízes, o Brasil é nosso *locus*.

São Paulo, como bem lembrava Marías, é terra de opção: não só para brasileiros de todas as regiões, mas para o mundo todo, conferindo à cidade, uma imensa variedade cultural: *cosmopaulista*.

É bem o caso da vocação de estudos orientais, indicada já no próprio nome de nosso Cemoroc: é possível em São Paulo (e onde mais?), cidade que abriga numerosas colônias de paulistas imigrantes (ou filhos ou netos...) contar naturalmente com intelectuais de diversas origens. Como é o caso de tantos de nossos diretores e colaboradores. Para ficarmos só com docentes da USP: Jean Lauand e Aida Hanania são neto e filha de libaneses; Hae Yong Kim, é coreano; Ho Yeh Chia, taiuanesa; Helmi Nasr, egípcio; Mario Sproviero, filho de italianos; Maria de Lourdes Ramos da Silva, portuguesa; Concha Piñero, espanhola; etc.

Outro fato evidente, que conta em nossa história editorial, são as possibilidades de um país jovem, no qual, ao contrário, digamos, da Europa, tudo está por fazer; movido pela criatividade, pela capacidade de rápida adaptação etc. Nossa falta de tradição acadêmica (nossa USP, decana das universidades brasileiras, não chega a 80 anos...) tem um lado positivo: a flexibilidade, impensável, por exemplo, na universidade japonesa...

Se consideramos o caso de estudos clássicos e medievais, há uma diferença de ordem entre as pesquisas que os especialistas podem desenvolver aqui e a Europa. Mesmo o *background* deles já impõe uma notável diferença em relação a nossas condições nesses campos... Um fato emblemático nesse sentido nos foi narrado por Lauand (em entrevista *ad hoc*):

Quando fomos a Barcelona, no final dos anos 90, para fundar nossa *Revista Internacional d'Humanitats*, a generosidade do Dr. Pere Villalba quis nos surpreender hospedando-nos no mosteiro de Montserrat, fundado em 1025, embora sua história religiosa remonte ao século IX. A biblioteca, o jardim, tudo lá tinha seus mil anos de história... Na oração final da noite (procurávamos, dentro do possível, viver o horário do mosteiro), os monges relembavam os irmãos que morreram na abadia naquele dia do mês (digamos, 27 de maio) e diziam o nome de cada um dos falecidos em um 27/5 (de 1200 ou do ano passado...) e pediam a Deus pelo seu eterno descanso. Daí o espanto deles quando mencionávamos que queríamos que constasse nas capas das revistas que comemorávamos os 30 anos de fundação de nossa Feusp (a diretora queria, de todos os modos, marcar a data); pois algumas de suas universidades eram anteriores ao próprio Brasil...

Poucos meses depois, teríamos o Pere em São Paulo. Ele é um humanista, de disciplina monástica, que passa o dia conversando com Cícero e Raimundo Lúlio, dotado de uma erudição incomparável. Lembro, por exemplo, que em certa ocasião encontraram em Tebas no Egito, na tumba de um vizir, umas inscrições indecifráveis e que nem se sabia ao certo em que língua estavam escritas. Solução: convocar o

Dr. Villalba, que (ele tem um lado Indiana Jones...) foi examinar *in loco* o achado (cf. “Grafitos Cariós en la Tumba de Monthemhat – Tebas, Egipto, 2007” <http://www.hottopos.com/rih12/pere.pdf>).

Pouco antes de vir a São Paulo, o Pere insistiu que queria ficar hospedado em uma aldeia indígena! (porque São Paulo tem aldeias indígenas). Conseguimos convencê-lo (ele já não era tão jovem...) a restringir a um dia sua visita a uma das aldeias guaranis que estão na cidade. É o contraste: com a mesma naturalidade que você entra numa igreja de um *pueblo*, digamos, da Catalunha, e ninguém se surpreende que ela esteja lá desde o século XI; aqui você pode escolher uma aldeia indígena para acolher seu hóspede...

Esse seu contato com os guaranis paulistanos foi narrado pelo próprio Prof. Villalba em “Ará - Índia Guaraní” (<http://www.hottopos.com/rih7/pere.htm>) no belíssimo artigo, no qual nos mostra toda sua sensibilidade humanista. Começa por descrever a impressão que lhe causou a metrópole:

São Paulo es una urbe que encanta al forastero: modernidad en sus edificios, movimiento incesante, intenso tráfico de coches, riqueza en sus museos, diecisiete millones de habitantes o, mejor dicho, de ciudadanos, numerosas iglesias, credos distintos, y sobre todo gente, gente distinta, caracteres distintos, colores distintos, procedencias distintas; esa es la gente que conoces a diario, con la que tratas por cualquier asunto: en realidad, la sientes poblada de gente sensible, dinámica, emprendedora, imaginativa y receptiva.

Si fuera posible que el filósofo griego Platón (V-IV aC) visitase São Paulo en nuestros días, él, que era hijo de una gran ciudad como Atenas, no cabe la menor duda de que volvería a filosofar sobre el arte de gobernar proponiendo vías alternativas, seguro que se replantearía todo lo que sometió a medidas aritméticas y a formas geométricas para dar el ser a su ciudad ideal, y no puedo menos que imaginarme que él, con extremo cuidado, haría un nuevo organigrama social, haciendo hincapié sobre todo en el utópico modo de organizar las gentes de una polis tan inmensa como ésta: y es que articular la vida de tantos ciudadanos presupone un alto grado de reflexión en busca de lo que tanto atormentó al filósofo ateniense, la justicia, el cumplimiento de la misma y su aceptación clarividente por parte de todos los ciudadanos. Esa es la virtud fundamental para nuestro filósofo, aquella que conduce una ciudad, una sociedad, como formando una sola mente, una sola voluntad y una sola memoria, hacia la felicidad, fin último de toda agrupación humana estructurada según ley. [...]

Nuestro coche seguía recorriendo las amplias arterias de la ciudad: subidas y bajadas, túneles, viaductos, parques enormes, semáforos, ruido, zonas comerciales, barrios extensos y, cosa para mí muy curiosa, lugares de la ciudad con nombres que no se asemejaban en nada al nomenclátor de las lenguas de origen latino. En este sentido, la presencia, ya ausente, de los primeros moradores de estas tierras se hacía realidad aunque sólo fuera a nivel de onomástica: pervivía la presencia guaraní a través de los topónimos. Las amplias avenidas verdeantes con sus arboledas flanqueaban nuestra ruta, confirmando a la escena un no sé qué de selvático.

Não resisto a recolher, um pouco longamente, as impressões do mestre ao entrar na sala de aula da escola da aldeia (ambas paupérrimas), e receber as boas vindas do Prof. Marcelo Caray e da pequena índia Ará:



"Eju Porã... – Bem vindo Prof. Pere Villalba". Prof. Marcelo Caray, Ará e PV.

Me gustaba estar aquí, en medio de aquella simplicidad. Mi memoria sensitiva me traía el recuerdo de los grandes de los grandes. Platón, Aristóteles, Cicerón, Séneca..., todos ellos podrían haberse sentado en aquellas sillas de aquella escuela guaraní para aprender, para escuchar al maestro, a quien fuera..., y hubieran podido llegar a ser lo que fueron. 'Eso no te lo crees tú ni borracho'. Pero la materia prima estaba allí, igual que la tuvieron en sus países. 'Sí, pero no es lo mismo'. Bueno yo me niego a admitir que un Platón nunca hubiese sido un Platón aquí, ni que un Aristóteles no hubiese sido desde aquí el Aristóteles que fue, y que Cic... 'Déjalo estar ya. No atormentes tu conciencia. Hay un destino sobre el ser humano, un papel a desarrollar en el teatro del mundo. Recuerda lo de Platón, en su mito de Er de Pamfilia: todos lo muertos vuelven a escoger, en la otra vida, el mismo papel que habían ejecutado ya antes en la tierra. No hay solución'. Bueno, yo no pienso así, ni admito ese destino.

Me tocó el rostro un poco de aire fresco llegado de una ventana abierta de la sala trayéndome el recuerdo de los grandes músicos. Me hallaba en una aula de una escuela guaraní, de donde hubiera podido surgir un Bach, un Beethoven, un Mozart, un Dvorak, un Mompou, un Pau Casals, un Josep Soler... ¿Otra vez?

Y los pintores, ¡ah, los pintores! ¿Por qué no podía salir un pintor de aquellos pupitres? Si Ará me había pintado en la pizarra... 'Porque no, es algo imposible'.

Bueno, a pesar de los pesares, todos los hombres buenos, guaraníes y chinos, que hayan actuado bien y para utilidad de su pequeña sociedad, han aportado su grano, pequeño o grande, al montón de humanidad que se encierra en la especie humana. Y eso, a pesar de aquellos otros que han querido restar humanidad con sus acciones inhumanas. [...]



La guerra es el mejor invento que ha producido el hombre. Es un invento tan eficaz que destruye las plantas, reseca los ríos, quema los bosques, destruye las ciudades, trae el hambre, inventa campos de concentración, hace emigrar a miles de personas, masifica a los individuos, anula a los débiles, corta piernas y brazos, acrecienta el odio, expande las epidemias, transforma la humanidad endeble en bestias, da medallas a los violentos, prepara convites a los vencedores, hace que las Naciones Unidas preparen una silla en la asamblea a esos vencedores, proporciona gloria, enriquece millonariamente a los expertos en armas, atonta a universitarios, enloquece a los prudentes: el mejor invento y el más eficaz, todo un alarde de ingenio al servicio de la estrategia, de la inteligencia, de la habilidad, de la política, de la sutilidad...

Pues yo sigo creyendo que el mejor invento es el ser humano, es Ará, lo soy yo, lo es el otro, lo son los animales y las plantas, también los planetas..., tú, que estás leyendo estas líneas. Mi mente empezó, cansada, a barruntar mundos sin odio, a soñar... Pero alguien me retornó a la realidad: fue Ará. Me tiraba de mis pantalones, indicándome que ya le había puesto nariz a su dibujo, bueno, a mi cara pintada por ella en la pizarra. Verdaderamente salía muy favorecido, lo único es que la nariz me tocaba la oreja izquierda..., pero bien, todo bien, Picasso hacía algo que se acercaba un poco a la obra de Ará, al lado de ella era un simple aprendiz de artista, naturalmente. Yo le correspondí poniendo en su cara pintada a la pizarra cuatro pelos en el centro.

La guerra me mata a mí, mata a Ará, cada vez que cae un ser bajo el fuego de las armas. Soñando estaba todavía yo, con la seguridad de que si llevara a Ará a la ONU, y la mostrara a los 'señores de la guerra', a mi amigo Bush, se acabarían las guerras. '¡Qué va! ¡Imposible!' Que no, que el corazón de los políticos es también de carne y de afectos. '¡Ja, ja!' Pero si yo les explicara que todo ser, por niño que sea, es nuestro mejor capital... '¡Uuuuh! ¡Uuuuh!' Y si...

Ará me liberó otra vez de mi sueño despierto, al empujarme en dirección a la salida, pues todos estaban ya en la entrada de la escuela.

Dizem as más línguas que o brasileiro é folgado, pouco sério... e às vezes com razão. Mas, no Brasil e particularmente em São Paulo, é possível encontrar

profissionais e serviços insuperáveis: nestes anos, frequentemente nossos colegas estrangeiros (mesmo professores universitários da Alemanha e dos Estados Unidos...) têm manifestado frequentemente sua surpresa e pasmo com a agilidade e qualidade com que se processam as edições nestes trópicos. E, para ficarmos só em exemplo (gráficas são gráficas em qualquer país do mundo...) – em São Paulo (em São Bernardo...) e só aqui se pode encontrar profissionais que em 15 anos e 200 volumes nunca tiveram um único atraso... Um profissionalismo, que, para além da eficiência técnica, supõe uma parceria humana e emocional com o cliente, atitude impensável nas grandes potências.

Recebido para publicação em 16-08-12; aceito em 15-09-12